
QUANDO NÃO SE SABE DIZER*

Manoel Ricardo de Lima**

Não dizer resulta, numa variação de tantas outras coisas, em algo muito simples: quando o *pasmo* é tão violento que nos faz recuar a um profundo silêncio ou quando o *pasmo* é tão absurdo que nos faz recuar também ao mais profundo silêncio, mas de outra forma. Numa dessas dissonâncias, *não dizer* é também e apenas um gesto que toca a presença de uma ausência, uma falta: não há o que dizer, não é preciso dizer, não se sabe o que e a quem dizer. Esta imagem circular, porém elíptica, branca e ordinária da falarm comum – “*me deu um branco*” – entra a circularidade das linhas alucinadas de uma espiral. A *espiral* é, em si, uma linha alucinada. Uma linha que dá voltas em torno de si mesma com duas pontas que não se tocam nunca e causam o branco da ação da fala (para a fala) e da escritura (para a escritura), um *não dizer*. Estas pontas da espiral talvez até se toquem, mas se sim é num infinito da imagem, num limite da imagem. Osman Lins, em seu *Avalovara* (2001), que é uma narrativa toda envolta por uma espiral, argumenta: “*Vereis, ao primeiro olhar, que a espiral não nos transmite uma impressão estática: parece-nos, antes, vir de longe, de sempre, tendendo para os centros, seu ponto de chegada, seu agora; ou ampliar-se, desenvolver-se em direção a espaços cada vez mais vastos, até que a nossa mente não mais a alcance.*”

Luís Serguilha arma, a certa altura deste seu *Prossessionária* (2008), num entre parênteses e com um corpo de letra maior, uma espécie de grito que abre as linhas para um espaço vasto, que “(a energia interminável das aparências é irrefragável na natureza dos terraplenos da vacuidade)”. É a linha espiralada que monta o termo, como elemento e como fim, mas também como começo. Assim, *prossessionária*, o termo, parece ter a ver com prossecução, com um ato e com um efeito de ir adiante, com um moto contínuo, com uma esfera cosmogônica, circular e colérica. E toda

* Recebido em 31.03.2015. Aprovado em: 22.05.2015.

** É Doutor em Teoria da Literatura, crítico literário, escritor e professor na Universidade Federal de Santa Catarina. Tem estudos publicados em revistas e jornais de ampla circulação. Publicou obras como: *Embrulho*, *Falas Inacabadas – Objetos e um Poema*, *Percuros e Vanguarda*, entre outras

cólera é paradoxal, muitas vezes enquanto se move pode também não conseguir se mover, mesmo que se elabore para isso. Prosessionária pode ser lido como uma cosmogonia móvel, mas também interrompida. E isto não é um processo, mas sim um devir, uma máquina desdobrada: a máquina de guerra, que é uma insistência, uma deriva do devir, aquilo que não se inscreve na história; e também a máquina desejan, que entre imanência e fluxo cortado inscreve o corpo sem órgãos. Estas máquinas mantêm o paradoxo. O paradoxo se sustenta nas linhas contínuas, espiraladas e coléricas daquilo que não se diz, não se consegue dizer, não se sabe dizer.

Se pensarmos nas linhas espiraladas que Platão desenha no *Timeu* (1993) quando diz que o céu é esférico, que todos os pontos extremos do universo têm uma mesma distância para um suposto centro e que este, por sua vez, mantém uma distância e uma mesma medida com todas as extremidades, estamos de novo diante do *pasmo*. É que o cosmo, para Platão, é uma imagem móvel da eternidade, e está constituído numa dimensão de extremos, e qualquer tentativa de mensurá-lo se apresenta como descabida ou, como quando diz, que esta tentativa de mensurá-lo parte de uma expressão sempre inadequada: “*Não se pode dizer que esteja no alto ou embaixo; acha-se, simplesmente, no centro, enquanto a circunferência, sem dúvida, não poderá ser central, nada havendo que permita distinguir umas partes das outras, com referência ao centro, que não se encontre também nas partes que lhes sejam opostas.*” Desta maneira é possível retomar a imagem da espiral de Osman Lins, “*A espiral não tem começo nem fim.*” e “*Somos nós que impomos limite, em ambas as extremidades, para a espiral. Idealmente, ela começa no Sempre e o Nunca é seu termo.*”

E neste pasmo, neste *me deu um branco*, diante de um anodismo da cosmogonia – “*Ociosamente as espadas enluvadas / das processionárias anodizam*” –, o que sobra é a pergunta do quanto há de potência na dobra de um instante temporal que mora no *quando não se sabe dizer*: não há o que dizer, não é preciso dizer, não se sabe o que e a quem dizer; porque estamos diante de uma falta: uma presença da ausência deste Prosessionária.

Referências

LINS, Osman. *Avalovara*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

PLATÃO. *Timeu*. São Paulo: Iluminuras, 1993.

SERGUILHA, Luís. *As Prosessionárias*. São Paulo: Demônio Negro, 2008.